

## OPINIÃO

## A corrida do ouro solar

Maurício Crivelin (\*)

O setor de energias renováveis sempre enfrentou diversos percalços para se consolidar no país.

Muitos investidores sempre alimentaram inseguranças para projetos na área, mas os ventos devem mudar com a recente notícia sobre o fim do subsídio para consumidores que buscam gerar sua própria energia, de acordo com lei sancionada pelo presidente Jair Bolsonaro, em janeiro.

Para aqueles que já possuem atualmente as estruturas instaladas, a proposta mantém a isenção de encargos até 2045; o mesmo está previsto para quem está instalando e solicitar acesso à rede das distribuidoras até 12 meses após a publicação da nova norma. Já para os clientes novos, a cobrança das taxas será gradativa: o repasse dos encargos começa em 15% em 2023, e sobe aos poucos até atingir 100% em 2029.

Além disso, o projeto de lei institui o Programa de Energia Renovável Social, que será destinado a investimentos na instalação de sistemas fotovoltaicos para geração de energia solar e de outras fontes renováveis aos consumidores de baixa renda.

Esta regulamentação deve fomentar uma verdadeira corrida pelo ouro solar em 2022, uma vez que a energia fotovoltaica se tornou extremamente vantajosa: além de gerar uma economia que varia de 50% e 98% na conta de luz, a redução em impostos também se apresenta significativa. Isso sem mencionar a questão da sustentabilidade, já que o sol proporciona energia 100% limpa.

Por conta de tudo isso, a expectativa é que os projetos voltados para geração de energia solar deslanchem de forma notável, sobretudo pela alta da energia elétrica observada pelos consumidores. Cálculos preliminares da Aneel apontam que as tarifas de energia podem subir, em média, 16,68% em 2022, principalmente por conta

da crise hídrica que o país enfrenta.

Hoje, Brasil integra a lista dos 20 países com maior capacidade instalada operacional em sistemas fotovoltaicos. Segundo dados da Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica, a Geração Distribuída cresce a uma taxa média de 230% ao ano em todo o país. De 2019 até agora, o Brasil passou de apenas 1 GW de potência instalada de GD proveniente de fonte solar, para 3 GW. Já com relação à Geração Centralizada (GC), também há crescimento expressivo.

O país registra uma potência instalada de aproximadamente 3 GW, equivalente a 1,6% da matriz elétrica brasileira. O mercado está evoluindo e temos muito a crescer, principalmente porque os sistemas fotovoltaicos permitem que a geração de energia se torne descentralizada.

Isso significa que consumidores que antes apenas consumiam energia, agora podem se tornar geradores. Isso proporciona melhoria expressiva das redes de distribuição, que precisam se tornar mais modernas e inteligentes, com melhor resposta a demanda, redução de perdas e aumento de qualidade da energia.

Assim como eu, os entusiastas da energia limpa estão enxergando novos tempos para o setor. A procura por projetos desta natureza está cada vez maior, sobretudo pelo entendimento de que as opções alternativas não se resumem somente à economia, mas também à previsibilidade e ao cuidado com o meio ambiente. O uso da energia solar oferece diversos benefícios ambientais, e uma de suas vantagens é a capacidade de renovação e a redução das emissões de gases de efeito estufa.

Por tudo isso, a corrida pelo ouro solar já começou. Até o final do ano, vamos ver o resultado disso, com a perspectiva de que o Brasil se torne uma verdadeira referência quando o assunto é energia renovável.

(\*) É CEO da Kinsol Energias Renováveis.

## Os maiores erros nos programas de capacitação em Tecnologia de grandes empresas

Se a gente passa a vida inteira falando em humanizar a tecnologia, por que na educação precisamos tratar as pessoas como robôs? Maioria dos cursos garante a parte técnica, inclusive na área de e-commerce, mas se esquece de treinar criatividade, visão empreendedora, habilidades de negócio e emocionais

Hugo Alvarenga (\*)

A falta de profissionais qualificados para preencher vagas no mercado de inovação e tecnologia é mundial. Tão desesperadora que, há algum tempo, uma fintech israelense divulgou suas vagas de forma inusitada. Estampou as oportunidades em diversos outdoors espalhados pela região de Tel Aviv – isso mesmo que você leu, o bom e velho outdoor. No Brasil, se nada for feito, a tendência é que a falta de gente qualificada exploda. De acordo com estimativas da McKinsey, o déficit dos profissionais de tecnologia deve ultrapassar um milhão de pessoas até 2030. Em um país que tem no desemprego um dos seus maiores dramas, mercados com excesso de vagas podem transmitir uma falsa ideia de tranquilidade.

Falsa porque a demora por encontrar um profissional qualificado atrasa investimentos e pode até impedir uma empresa de assinar novos contratos, resultando na perda de competitividade. Sem formar os times que precisa, não tem como realizar um planejamento adequado e corre-se o risco de sobrecarregar os times atuais, prejudicando a satisfação dos colaboradores.

Uma das principais soluções oferecidas pelas próprias startups e empresas de tecnologia tem sido a criação de cursos de capacitação para gente disposta a entrar no mercado. O que tenho observado, porém, é que as empresas poderiam obter um melhor proveito dos cursos que oferecem. Muitas criam uma formação exclusivamente técnica dentro da tecnologia. Em Programação, por exemplo, uma grade de aulas toda voltada à replicação de técnicas, códigos, modelos. O conteúdo é ensinado para o profissional repetir, aprender e repetir, copiar e colar. E esse é o primeiro erro.

Se a gente passa a vida inteira falando em humanizar a tecnologia, por que na educação precisamos tratar as pessoas como robôs? Na maioria desses cursos, não existe uma visão de atendimento ao cliente, de perceber o que o cliente de tecnologia deseja, de entender que o que fazemos é parte de uma estratégia maior, visão de negócios, empreen-



Hugo Alvarenga, sócio-fundador da b8one.

dedorismo, criatividade. No caso do e-commerce, muitos alunos terminam um curso sem captar de que forma seu trabalho interfere em resultados de venda, recorrência de compra, ou até como ele pode crescer na carreira, trazer clientes para uma empresa.

A cultura digital é diferente. Prova todos os dias que o efeito de formar “peças da engrenagem” é pequeno, se comparado a capacitar pessoas para que se tornem as inventoras das peças – e da engrenagem inteira.

Outro ponto a que se deve estar atento ao montar um curso de capacitação em tecnologia e inovação na sua empresa é a oportunidade de convidar os próprios profissionais da organização para dar aulas. Você até pode completar o corpo docente com outros professores, de fora da companhia, mas se um profissional que já trabalha ali tiver o desejo de contribuir será um grande passo.

A participação nesse tipo de programa costuma motivar os times internos, que veem na transmissão do conhecimento um senso de propósito. Além disso, é uma forma de incorporar nas aulas a cultura corporativa, o que ajuda caso se queira contratar alunos do curso depois.

Mais um ponto que observo tem a ver com a escolha de cases apresentados nas aulas: eles são quase todos muito

“perfeitos” e, no fim, o aluno é apresentado apenas ao que deu certo. Ao sair do curso, certamente vai se deparar com um desafio de tecnologia real, quando observará que escrever códigos não é acertar de primeira. Devido à pouca experiência de mercado, pode acabar frustrado, não saber como reagir, desistir. E aí logo passa a considerar a tecnologia um bicho de sete cabeças. É a última coisa que queremos.

O primeiro passo para transformar o Brasil em um país de profissionais digitais, como já somos do futebol, é criar intimidade, proximidade com a inovação. Um código que você escreve pode dar problema e exigir que passe um dia inteiro tentando descobrir o que deu errado. Isso é o mais comum e o desolador, portanto, tem que aprender a lidar com seu desconhecimento, seus erros, sua capacidade de aprendizado e de persistir até acertar. Em resumo, as habilidades de um curso de inovação e tecnologia também precisam ser emocionais.

Quando você oferecer um curso de capacitação, não deve preparar o profissional apenas para trabalhar na sua empresa. Tem que preparar para o mundo. É isso que vai dar a medida do que a sua organização será capaz de conquistar.

(\*) É sócio-fundador da b8one, laboratório de soluções digitais especializado em e-commerce e parceira estratégica do unicórnio VTEX, atuando para grandes marcas em 13 países.

## Uso de soluções de DLP mitigam ciberataques em empresas de TI

Com a Lei Geral da Proteção de Dados (LGPD) em vigor no Brasil, diversas empresas de TI (Tecnologia da Informação) viram suas demandas crescer devido à procura por soluções que garantissem a proteção dos dados. Mas, assim como qualquer negócio que faça uso de dados, essas mesmas empresas de TI também podem ser alvos de vazamento de informações.

Entre os dados sensíveis que as empresas do setor de tecnologia armazenam e que estão suscetíveis, ou seja, precisam de proteção contra ataques, estão os de propriedade intelectual, como direitos autorais e segredos comerciais, assim como as informações de identificação pessoal, os dados de colaboradores e os roteiros de produtos, entre outros.

Com a ida dos colaboradores para o home office ou mesmo no modelo híbrido, eles passaram a enfrentar novos desafios na realização de tarefas, nos quais precisaram improvisar soluções em tempo real - na maioria das vezes usando aplicativos e softwares não autorizados. Com isso, o sistema e os



Cristina Moldovan

dados ficaram mais expostos. Além dessa vulnerabilidade, as empresas ainda precisam lidar com ameaças internas e colaboradores mal-intencionados que podem vender dados de soluções para as empresas concorrentes.

Uma alternativa para evitar tais danos é a adoção de soluções de Data Loss Prevention, DLP, (em português, Prevenção de Perda de Dados), que proporcionam às empresas de TI a redução do risco

de violação de dados, a conformidade regulatória com a LGPD e a mitigação de ameaças internas. Por meio dessas ferramentas, é possível, com políticas pré-definidas, inclusive de compliance, bloquear informações desejadas, isto é, impossibilitando que os dados escolhidos sejam repassados via e-mail, USB e impressos, entre outros. Além disso, as empresas podem usar o software de DLP para monitorar informações confidenciais.

O risco com o vazamento de informações é algo que virou rotina nas empresas. Portanto, as organizações de TI não devem ficar preocupadas apenas em oferecer proteção a seus clientes, mas também pensar em sua rotina e os desafios que existem em seus sistemas. Atitudes, como lembrar os funcionários das melhores práticas de segurança, somadas ao uso de soluções tecnológicas, como a de DLP, ajudam a manter um ambiente interno ainda mais seguro.

Cristina Moldovan é gerente de desenvolvimento de negócios e vendas do Endpoint Protector by CoSoSys, companhia mundial desenvolvedora de sistemas de prevenção contra perda de dados (DLP, do inglês Data Loss Prevention), que detém como carro-chefe a solução Endpoint Protector.

## News @TI

## Havan Labs abre mais de 100 vagas com opção home office

A Havan está com mais de 100 vagas abertas para o Havan Labs, laboratório de tecnologia da varejista. Os contratados poderão atuar na matriz da empresa, em Brusque (SC) ou ainda, de maneira remota em home office. As vagas abertas incluem oportunidades para Analista DevOps, Arquiteto de Software, Desenvolvedor C#/Net, Desenvolvedor Mobile Kotlin, Desenvolvedor Mobile Swift, Desenvolvedor React/Angular, Designer UX/UI, Scrum Master, entre outros. O gerente do Havan Labs, Valter Soares, enfatiza que a remuneração acompanha a realidade do mercado e destaca que, entre os diferenciais, está o crescimento exponencial da varejista (<https://lnkd.in/dVHsyd2e>).

## Mentoria para apoiar jovens negras

Pelo terceiro ano consecutivo, Seda está oferecendo oportunidades para jovens negras, entre 16 e 26 anos, que buscam tirar seus sonhos do papel. Com 1.000 novas vagas para mentorias em grupo online e gratuitas, o projeto visa empoderar jovens de diferentes regiões do Brasil, auxiliando-as a criar planos poderosos para realizarem seus sonhos, sejam eles entrar na faculdade, apoiar uma causa social, empreender ou até trabalhar em algo que almeja. O programa de mentoria “Planejando Meus Sonhos”, em parceria com o Instituto Plano de Menina, é liderado por mentoras profissionais (<https://www.unilever.com.br/brands/beauty-personal-care/seda/>).

Empresas & Negócios José Hamilton Mancuso (1936/2017)

Laurinda Machado Lobato (1941-2021)

Publisher: Lilian Mancuso (lilian@netjen.com.br)

**Editorias**  
Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioalph.com.br);  
Comercial: Tatiana Sapateiro – tatiana@netjen.com.br  
Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; Edição Eletrônica: Ricardo Souza.  
Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

**Jornal Empresas & Negócios Ltda**  
Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP: 04128-080 – Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br) – Site: (www.netjen.com.br).  
CNPJ: 05.687.343/0001-90 - JUCESP, Nire:35218211731 (6/6/2003) - Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.

Colaboradores: Claudia Lazzarotto, Eduardo Moisés, Geraldo Nunes e Heródoto Barbeiro.

ISSN 2595-8410

RIO DE JANEIRO: J.C. REPRESENTAÇÕES E PUBLICIDADES EIRELI  
Av. Rio Branco, 173 / 602 e 603 – Centro - Rio de Janeiro - CEP 20040-007  
Tel. (21) 2262-7469 – CNPJ 30.868.129/0001-87